

Metade roubada ao mar, metade à imaginação: a cidade do Recife por Carlos Pena Filho

Amarino Oliveira de Queiroz¹

Resumo: Personalidade cuja trajetória pessoal e artística se insere no período equivalente ao do movimento modernista brasileiro, o pernambucano Carlos Pena Filho fez registrar ao longo de toda a sua obra poética uma particular experiência de cidade, tendo elegido como espaço crítico e afetivo para a sua criação o contraditório cenário social da cidade de origem, o Recife. Nessa perspectiva, tanto na obra do autor como na de outros criadores como Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Joaquim Cardozo, Fred Zero Quatro ou Chico Science o ambiente cultural da capital de Pernambuco parece sintetizar aquilo que Micael Herschmann (2000) identifica como um esforço de compreensão do espaço da cidade além das “territorialidades exclusivas, bem definidas e/ou isoladas”, em que o outro “já não é territorialmente distante ou alheio, mas parte constitutiva da cidade que habitamos”.

Palavras-chave: Poesia, Cidade, Carlos Pena Filho.

Resumen: Oscurecido autor del llamado período modernista brasileño, Carlos Pena Filho registró en su obra una experiencia poética en la que destaca el contradictorio escenario de su Recife natal y la ambigua condición crítico-afectiva a través de la cual discute la ciudad dentro de su ejercicio creativo. Al igual que otros creadores pernambucanos como Manuel Bandeira, João Cabral de Melo Neto, Joaquim Cardozo, Fred Zero Quatro o Chico Science, en la poesía de Carlos Pena Filho el ambiente cultural de la capital de Pernambuco parece sintetizar muchas veces aquello que Micael

¹ Doutor em Teoria da Literatura, Mestre em Literatura e Diversidade Cultural, Bacharel em Letras. Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, campus de Currais Novos.

Herschmann (2000) identifica como un esfuerzo para la comprensión de la ciudad intentando superar las territorialidades exclusivas, bien definidas y/o aisladas, y donde el otro ya no será territorialmente distante ni ajeno, sino parte constitutiva del espacio urbano que habitamos.

Palabras claves: Poesía, ciudad, Carlos Pena Filho.

*Este é o teu retrato feito
com tintas do teu verão
(Carlos Pena Filho)*

O advento da cidade e a participação do poeta no centro desse debate proporcionaram o registro de diferentes lugares de observação. Discorrendo sobre o tema, Nestor García Canclini (1998) sugere um mapeamento desse olhar argumentando que o antropólogo chega à cidade a pé, o sociólogo de carro, pela pista principal, e o comunicólogo de avião, cada um deles construindo uma visão diferenciada e, por conseguinte, parcial do objeto observado. Uma quarta e importante perspectiva seria tratada, ainda, por Canclini: aquela vivenciada pelo historiador, cuja aquisição seria resultado não de uma entrada, mas de uma saída do ambiente da cidade, partindo de seu centro antigo e seguindo em direção aos seus limites contemporâneos. Na Modernidade, a situação do poeta urbano seria definida pelo sentido do deslocamento: ao tomar conhecimento do seu não locus, o poeta da cidade se disporia na condição de uma voz outra, a que o escritor mexicano Octavio Paz (1993) descreveria como uma modulação indefinida, inconfundível, que se converte em diferença original. Já em Charles Baudelaire, no final do século XIX, a expressão da tragédia do destino humano, mesclada a uma visão mística do universo constituiria matéria para a poesia na

cidade ocidental moderna. Quase cem anos mais tarde, o poeta pernambucano Carlos Pena Filho referenciaria, de forma laudatória, a empresa baudelaireana:

A CHARLES BAUDELAIRE

Carlos também
Embora sem
Flores nem aves
Vinho nem naves,
Eu te remeto
Este soneto
Para saberes,
Se acaso o leres,
Que existe alguém
No mundo, cem
Anos após,
Que não vaiou
E nem magoou
Teu albatroz.

Em nossos dias, contudo, a experiência daquele *flâneur* que perambulava nas metrópoles do início do século XX parece não ser mais possível. Para Micael Herschmann (2000), é como se agora as cidades grandes tivessem se transformado “em um vídeo-clipe, ou melhor, em uma montagem frenética de imagens descontínuas”, cabendo ao observador atentar para o fato de que isso “não tem necessariamente um sinal negativo, ou implica uma perda da experiência coletiva”. Ao contrário, poderá abrir espaço para um esforço de compreensão da cidade além das “territorialidades exclusivas, bem definidas e/ou isoladas”, em que o outro “já não é territorialmente distante ou alheio, mas parte constitutiva da cidade que habitamos”.

Contemporâneo do Modernismo literário brasileiro, Carlos Pena Filho nasceu na cidade do Recife em 17 de maio de 1929. Filho de pais portugueses realizou seus primeiros estudos em terras lusitanas,

complementando-os na cidade natal, onde também se diplomou advogado. Publicou em 1952 *O Tempo da Busca*, seu primeiro livro de poesia, ao qual se seguiram *Memórias do Boi Serapião*, *A Vertigem Lúcida* e *Livro Geral*, desaparecendo tragicamente em 1960 na mesma cidade, vítima de um acidente de automóvel. O ambiente urbano recifense encontrou no poeta um observador atento que tanto descreveu com ironia e doçura a sua paisagem (Não é que somente em luas,/ o Recife farto seja; é farto, também de igrejas), como realizou a crônica do cotidiano de sua gente mais simples (Na cidade que amanhece/ vai a humilde tecelã/ para a fábrica onde tece/ o azul desta manhã) ou a provocação às elites (...de brasileiros sabidos,/ portugueses sabidões/ que na vida leram menos/ que o olho cego de Camões,/ mas que em patacas possuem/ muito mais que Ali Babá/ e seus quarenta ladrões). Para o sociólogo Gilberto Freyre (1999), em prefácio à edição póstuma de um dos livros de Pena Filho, “de nenhum poeta do Brasil se pode dizer ter sido, mais do que ele, de sua cidade, de sua província, de sua região, de sua tradição regional e, ao mesmo tempo, mais, a seu modo, moderno”. Assim avaliado, o poeta Carlos Pena Filho foi, “tanto quanto Bandeira, quanto Cardozo, quanto Mauro Mota, quanto João Cabral, cantor por excelência do Recife: cidade por ele mais amada do que por qualquer outro, poeta ou não-poeta”. Em longo poema sobre o Recife, entretanto, Carlos Pena Filho revelaria textualmente aqueles a quem identificaria como “os cantores da cidade”:

Hoje a cidade possui os seus cantores
que podem ser resumidos assim:
Manuel, João e Joaquim.
No Jardim Treze de Maio
Manuel vai ficar plantado
Para sempre e mais um dia
Serenos, bustificados,
Pois quem da terra se ausenta
Deve assim ser castigado...

Os versos que se sucedem, carregados de imagens recorrentes à poesia de Manuel Bandeira, vão fluindo naturalmente, como um rio, em direção ao universo poético de João Cabral de Melo Neto:

Água, lama, caranguejos,
Os peixes e as baronesas
E qualquer embarcação,
Está sempre e a todo instante
Lembrando o poeta João
Que leva o rio consigo
Como um cego leva um cão.
Mas vieram de longe as águas
Que aqui no Recife estão,
Já comeram areia e pedra
Lá bem perto do sertão
E é por isso, talvez,
Que escuras e tristes são.

Quase que num só fôlego, o poema de Carlos Pena Filho busca desenhar outro mapa da cidade em cujos alicerces, fundados sobre a lama dos manguezais e cardozianamente recobertos pela cor “púrpura de jambeiros” parecem querer sustentar, pedra a pedra e verso a verso, o horizonte de “coqueiros roxos, azuis, verdes de mar” vislumbrado pelo poeta-engenheiro Joaquim Cardozo em sua obra:

O poeta Joaquim que foi
Fazer uma estação de águas
Nos olhos do seu amor
E trouxe nos seus, acesos,
Os cajueiros em flor.

Mas antes mesmo de prestar reverências a Bandeira, a Cabral e a Cardozo através de sua poesia, Carlos Pena Filho já havia promovido, na abertura de seu *Guia Prático da Cidade do Recife*, uma espécie de fundação física e poética da cidade:

No ponto onde o mar se extingue
E as areias se levantam
Cavaram seus alicerces
Na surda sombra da terra
E levantaram seus muros
Do frio sono das pedras.
Depois armaram seus flancos:
Trinta bandeiras azuis
Plantadas no litoral.
Hoje, serena, flutua,
Metade roubada ao mar,
Metade à imaginação,
Pois é do sonho dos homens
Que uma cidade se inventa.

O olhar do poeta possibilita aqui a visualização daquilo que Leandro Konder (1994) definiria como a preocupação de descobrir uma resposta para a instituição da cidade a partir de sua própria origem física, re-substanciada no que ele chama de olhar poético e olhar filosófico. O primeiro deles valeria como advertência para a recuperação, na cidade, de sua própria humanidade. Humanidade esta que, no caso de Carlos Pena Filho, se desdobra também numa re-geografia afetiva (Olinda é só para os olhos/ Não se apalpa, é só desejo./ Ninguém diz: é lá que eu moro./ Diz somente: é lá que eu vejo). Um olhar filosófico que não coincidiria necessariamente, ainda em palavras de Leandro Konder, com um olhar poético, mas que abarcaria aspectos mais abrangentes, para além daqueles que a síntese poética pudesse situar. Nestes termos, num misto de sarcasmo e ternura, canta o poeta Carlos:

Na avenida Guararapes
O Recife vai marchando.
O bairro de Santo Antônio
Tanto se foi transformando
Que, agora, às cinco da tarde
Mais se assemelha a um festim,
Nas mesas do bar Savoy

O refrão tem sido assim:
São trinta copos de chopp
São trinta homens sentados
Trezentos desejos presos
Trinta mil sonhos frustrados.

Ainda que versos como estes não engendrem automaticamente o sentido da cidadania, a cidade passaria a ser, reiterando a afirmativa de Konder, o lugar onde melhor poderia ser travada a luta pela efetivação desse exercício:

Mas não é só junto ao rio
Que o Recife está plantado,
Hoje a cidade se estende
Por sítios nunca pensados,
Dos subúrbios coloridos
Aos horizontes molhados.
Horizontes onde habitam
Homens de pouco falar
Noturnos como convém
À fúria grave do mar.

Amigo pessoal e estudioso da obra do poeta, ao referir-se ao *Guia Prático da Cidade do Recife*, o escritor Edilberto Coutinho (1983) afirmou que Carlos Pena Filho foi “um poeta político, interessado em cada aspecto da vida de sua cidade” e que essa obra é, “por vezes uma representação exagerada, satírica e, portanto, crítica, da realidade; uma espécie de autêntico ‘antiguidade’, se pensarmos nos roteiros oficiais de atrações turísticas” posto que nela, precisamente, o poeta Carlos “trata também do ‘povo marginal,/ escuro e anfíbio’ que habita os mangues do Recife, (...) entre outros habitantes menos privilegiados de sua cidade”:

Recife, cruel cidade,
Águia sangrenta, leão.
Ingrata para os da terra,
boa para os que não.

amiga dos que a maltratam,
inimiga dos que não
Este é o teu retrato feito
com tintas do teu verão
e desmaiadas lembranças
do tempo em que também eras
noiva da revolução.

A aparentemente contraditória queixa do poeta, associando à cidade as figuras de “águia sangrenta” e “leão”, da mesma forma que evoca nostalgicamente a imagem de uma “noiva da revolução” talvez pudesse encontrar analogia no estereótipo do caráter rebelde de sua gente, atribuído ao fato de vir o Recife colecionando, ao longo de sua história, uma trajetória de insurgência civil frente às manobras das oligarquias que desde o advento das Capitânicas Hereditárias ocupam expressivo espaço no gerenciamento político da cidade e do Estado, observável ainda em vários aspectos de suas manifestações culturais e perceptíveis inclusive na literatura que produziu e produz. Talvez se pudesse estender esse esboço de compreensão da cidade considerando as diversas convulsões sociais pelas quais passou, como a Guerra dos Mascates, a Revolução Praieira ou a Revolução Pernambucana de 1817, chegando ao desmonte político promovido pelas frentes populares ao conquistarem a prefeitura, no pleito do ano 2.000, dissolvendo em votação direta a alternância no poder cristalizada pelos políticos representantes das oligarquias rurais canavieiras em aliança com muitos de seus ex-opositores históricos, feito que se manteve ao longo dessa primeira década do século XXI.

Quem sabe, pelo estudo da estrutura de suas festas de carnaval, referência poética para o próprio Carlos Pena Filho. Também ele desenvolveu densa atividade como letrista de música popular, como em *A Mesma Rosa Amarela*, poema composto para servir de letra a frevo-de-bloco de Capiba, um dos mais importantes compositores pernambucanos do século XX, parceiro de vários outros poetas e

escritores. Re-formatada em ritmo de bossa-nova, gênero emergente em todo o país na virada dos anos 50 para os 60, esta canção talvez constitua o mais conhecido exemplo do Carlos Pena Filho letrista de música popular. Objeto de variados registros fonográficos locais e nacionais a partir de 1960, ano de desaparecimento do poeta, com destaque para aquele apresentado pela cantora e compositora Maysa, o sucesso de *A Mesma Rosa Amarela* representaria ainda, juntamente com as outras parcerias musicais do poeta com Capiba, um marco no diálogo entre literatura e música em Pernambuco, ampliando o circuito de penetração da obra poética de Carlos Pena Filho:

Você tem quase tudo dela:
o mesmo perfume,
a mesma cor,
a mesma rosa amarela.
Só não tem o meu amor.

Mas, nestes dias de carnaval
para mim, você vai ser ela:
o mesmo perfume,
a mesma cor,
a mesma rosa amarela...

O carnaval do Recife preservaria, ao longo do século XX, muitos elementos característicos de seus primórdios no século anterior, sobretudo no que diz respeito à participação espontânea dos diversos segmentos sociais e à pluralidade das manifestações culturais. Baseados na região portuária, local de fundação da cidade, e arregimentados por corporações de trabalhadores em instituições conhecidas como clubes de rua, a grande maioria existente até os dias atuais, várias entidades de classe desfilavam em cortejo pelas vias públicas, promovendo entre si entusiasmada competição. Grupos de dançarinos estrategicamente posicionados levavam ao *fervo* a multidão, fazendo o passo, ou seja, dançando o frevo ao

som dos metais de bandas militares ou fanfarras arregimentadas para a brincadeira. Mais do que uma atividade alternativa de lazer em que se abria espaço para a livre expressão e a crítica social, essa festa consistia, pelo seu tom dionisíaco, num contraponto ao bem comportado entrudo, celebração carnavalesca introduzida no Brasil pela colonização portuguesa e cultivada pelas elites da época, resguardadas em salões de festa e outras áreas privadas. O clube carnavalesco dos “Vassourinhas”, por exemplo, fundado e conduzido originalmente pelos trabalhadores da limpeza urbana, seria responsável pelo hino espontâneo do carnaval da cidade, o *Frevo dos Vassourinhas*, bem como pela verdadeira catarse coletiva que acomete os foliões já em seus primeiros acordes.

Talvez a problematização acerca de um caráter “rebelde” da cidade do Recife pudesse ser orientada, ainda, a partir dos embates culturais e literários reivindicando a existência de um surto modernista local e autônomo na década de 20 do século passado, chegando à discussão, já posterior à presença física do poeta Carlos Pena Filho, de questões relacionadas com uma cultura erudita brasileira baseada nas raízes nordestinas, onde os produtos artísticos e literários traduziriam o cruzamento verificado entre o artesanato, a literatura de Cordel, as manifestações populares e a cultura hegemônica. Nisto parecia estar fundado o pensamento armorial, cujas bases estéticas foram defendidas por Ariano Suassuna em seu movimento homônimo a partir de 1970, e sumariamente questionado pelo olhar proposto através do Movimento Mangue, já nos anos 90. A partir do levantamento de questões como as expostas acima é que a cidade do Recife, a “águia sangrenta, leão” do poeta Carlos, talvez pudesse ser mais amplamente avaliada. A propósito, o primeiro dos dois Manifestos Mangue, assinado por Fred Zero Quatro e Renato L e publicado no início da década dos 90, dispõe de algumas idéias sinalizadoras para uma possível re-significação da cidade:

Mangue - O Conceito

Estuário: parte de um rio ou lagoa. Porção de rio com água salobra. Em suas margens se encontram os manguezais, comunidades de plantas tropicais ou subtropicais inundadas pelo movimento dos mares. Pela troca de matéria orgânica entre a água doce e a água salgada, os mangues estão entre os ecossistemas mais produtivos do mundo

(...)

Manguetown - A Cidade

A planície costeira onde a cidade do Recife foi fundada é cortada por seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex) cidade “maurícia” passou a crescer desordenadamente às custas do aterramento indiscriminado e da destruição dos seus manguezais. Em contrapartida, o desvairio irresistível de uma cínica noção de “progresso”, que elevou a cidade ao posto de metrópole do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade

(...)

Mangue - A Cena

(...) Em meados de 91 começou a ser gerado e articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de idéias pop. O objetivo é engendrar “um circuito energético”, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo, uma antena parabólica enfiada na lama (...)

Essa atitude *mangue*, manifestada esteticamente a partir da música e com passagens pela escultura, a pintura, o cinema, a moda, as artes cênicas e a literatura, representou mais do que uma possibilidade de re-significação da cidade que Carlos Pena Filho cantou. O próprio poeta lançou mão de recurso extra-literário, como é o caso de sua já referida aproximação com a música, em parceria com Capiba, ou o namoro constante com a pintura, metaforizado através da insistente alusão às cores em seus versos (rosa amarela, subúrbios coloridos, verdes intervalos), que se fundiam, inclusive, como em novas cores para novas palavras (verdágua, ourazul, azulverde). A evocação do azul intenso do céu nordestino e o verde dos mares e dos canaviais, entretanto, constituiriam as presenças mais recorrentes, através das

quais o poeta usa as “tintas do seu verão” para pintar, poeticamente, a cidade, a amada e a si próprio:

Então, pinte de azul os meus sapatos
por não poder de azul pintar as ruas,
depois, vesti meus gestos insensatos
e colori as minhas mãos e as tuas.
Para extinguir em nós o azul ausente
e aprisionar no azul as coisas gratas,
enfim, nós derramamos simplesmente
azul sobre os vestidos e as gravatas.

Em seu já mencionado *Livro de Carlos*, Edilberto Coutinho afirma ser “a cor, entre elas o azul, seguido do verde”, um elemento recorrente e fundamental dentro da obra de Carlos Pena Filho. Uma estatística levantada pelo crítico Renato Carneiro Campos aponta para quarenta como sendo o número de vezes em que a palavra azul aparece nos versos de Pena Filho. Neles, lembra Coutinho, “a amada é bela e azul, assim como, num certo carnaval, se viu o poeta dependurado nos cabelos azuis de fevereiro”. Sua linguagem, plena de oralidade e essencialmente musical, tem sempre um forte apelo pictórico, visual, plástico, “como se ele realmente às vezes pintasse com palavras”.

O poeta Carlos, ao pintar de azul seus versos e sapatos, revelaria também outros tons dessa cidade do mangue, “onde a lama é a insurreição”, como afirmaria na contemporaneidade um seu outro cantor, Chico Science. Ao depor sobre o conceito de pluralidade usando a imagem de uma antena parabólica enfiada na lama como metáfora, a movimentação mangue acabaria por perturbar a idéia de uniformidade de expressão e comportamentos característicos da cidade que interpretações mais apressadas poderiam sugerir, injetando “um pouco de energia na lama” e estimulando “o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife”, conforme se fez registrar em seu primeiro manifesto. É o que se pode verificar nesses fragmentos

do olhar lançado por Chico Science sobre um Recife tão próximo e ao mesmo tempo tão distante do poeta Carlos, em que “a cidade não pára, a cidade só cresce/ o de cima, sobe/ e o de baixo, desce”, mas onde “eu me organizando, posso desorganizar” ou “desorganizando, posso me organizar”, porque basta “um passo à frente/ e você não está mais no mesmo lugar”.

Tanto o Recife de Chico, “onde estão os homens-caranguejo”, numa evocação ao geógrafo pernambucano Josué de Castro, como a cidade de Carlos, de Manuel, de João, de Joaquim, por “bela e azul e improcedente” parecem não renunciar “ao privilégio de ser bela e azul” e permanecem, conforme anuncia a arquiteta paulistana Raquel Rolnik (1995), “ocupando e conferindo um novo significado para um território” e “escrevendo um novo texto (...) como se a cidade fosse um imenso alfabeto, com o qual se montam e desmontam palavras e frases”. Recife, a palavra, vem do árabe *al-raçif* e significa calçada, rua, caminho revestido de pedras. Interpretadas mais livremente, tais definições encontram analogia no vocábulo tupi *paranampuca*, ou *paranambuca*, isto é: pedra furada, quebra-mar, arrecife, enfim; palavra que, aportuguesada, deu nome ao Estado do qual a cidade de Carlos veio a ser a capital. O Recife assim, cidade, espaço de múltiplas convivências por onde o poeta trafega como cidadão comum encontra também, através da poesia, substância para a sua própria significação. Antimusa para alguns, “metade roubada ao mar, metade à imaginação”, fez-se musa e cidade para o poeta Carlos, *recifissignificada*:

MARINHA

Tu nasceste no mundo do sargaço
Da gestação de búzios, nas areias.
Correm águas do mar em tuas veias,
Dormem peixes de prata em teu regaço.

Descobri tua origem, teu espaço,
Pelas canções marinhas que semeias

Por isso as tuas mãos são tão alheias,
Por isso o teu olhar é triste e baço.
Mas teu segredo é meu, ah não me digas
Onde é tua pousada, onde é teu porto
E onde moram sereias tão amigas.
Quem te ouvir, ficará sem teu conforto
Pois não entenderá essas cantigas
Que trouxeste do fundo do mar morto.

Referências

- CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade*. Tradução de Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.
- COUTINHO, Edilberto. *O Livro de Carlos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- FREYRE, Gilberto. Prefácio in PENA FILHO, Carlos. *Livro Geral*. Recife: Editora Linceu, 1999.
- HERSCHMANN, Micael. *O funk e o hip hop invadem a cena*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.
- KONDER, Leandro. *Um olhar filosófico sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.
- PAZ, Octavio. *A outra voz*. Tradução Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.
- PENA FILHO, Carlos. *Livro Geral*. Recife: Editora Linceu, 1999.
- ROLNIK, Raquel. *O que é cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- ZERO QUATRO, Fred. *Manifesto Mangue*. Disponível na Internet: www.hotlink.com.br/users/lucasm/cultura.htm Data de acesso: 2 jun 2000